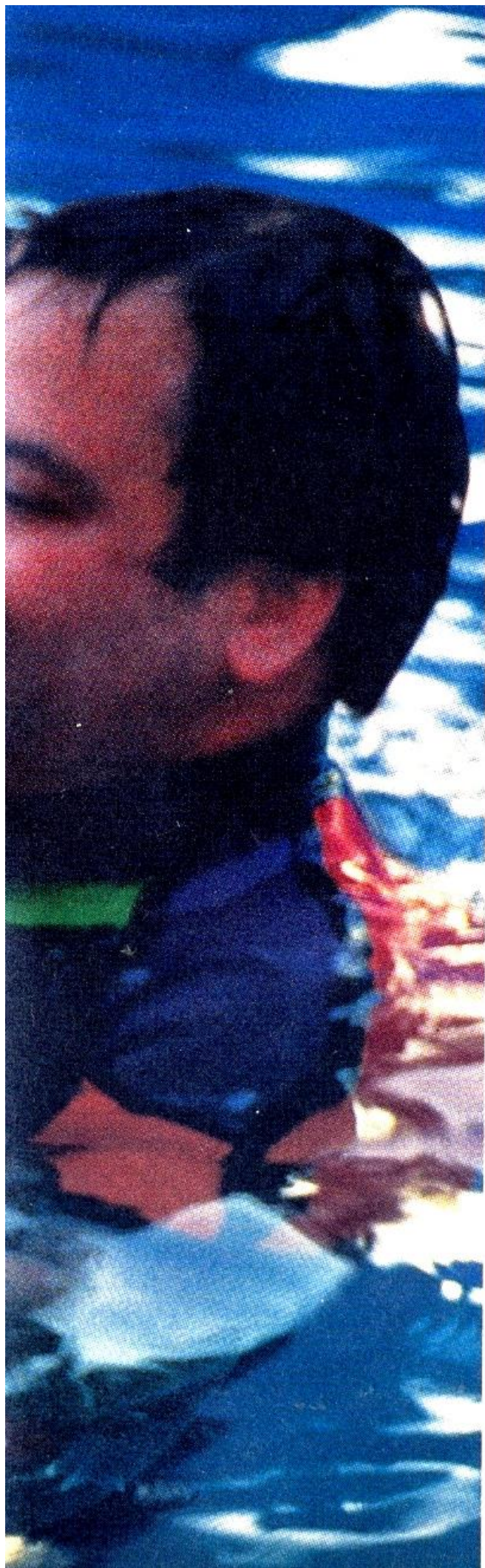




# O MENINO QUE FALAVA COM GOLFINHOS

Desde o começo,  
eles pareciam sorrir  
para ele, criando uma  
ligação mágica com  
o garoto solitário e infeliz.

PAULA McDONALD



**T**UDO começou com um ruído profundo que rasgou o silêncio da madrugada. Instantes depois, nessa manhã de janeiro de 1994, Los Angeles era abalada por um dos terremotos mais destruidores de sua história.

No parque de diversões da Montanha Mágica das Seis Bandeiras, 32 km a norte dali, três golfinhos, no pânico, haviam sido abandonados, e nadavam, agitados, em círculos, enquanto pesados pilares de concreto caíam em torno da piscina e telhas eram atiradas dentro da água.

A 64 km a sul dali, Jeff Siegel, de 26 anos, foi projetado da cama em que estava por um forte abalo. Ras-tejando até a janela, contemplou a cidade em convulsão e pensou naqueles animais que eram mais importantes para ele que qualquer outra coisa. «Tenho de ir ficar com os golfinhos», disse para si mesmo. «Eles me salvaram a vida e agora é a minha vez de fazer isso por eles.»

**P**ARA quem conhecera Jeff em sua infância, não havia ninguém que estivesse mais longe da figura de um herói.

Jeff Siegel fora uma criança hiperativa, parcialmente surda e com falta de coordenação. Como não conseguia ouvir as palavras de forma clara, acabara por apresentar grave deficiência de prolação, que fazia que os outros praticamente não o entendessem. No nível pré-primário, o menino, alourado, era alvo da persegui-

*Jeff Siegel com um de seus amigos golfinhos.*

ção dos coleguinhas, que o chamavam de «retardado».

Nem mesmo em casa ele encontrava refúgio: a mãe não estava preparada para lidar com seus problemas. Criada no seio de uma família rígida e autoritária, ela era exigente com Jeff e enfurecia-se muitas vezes pelo fato de ele ser diferente. A única coisa que desejava era que Jeff se adaptasse. Seu pai, um policial de Torrance, bairro de classe média de Los Angeles onde viviam, tinha mais de um emprego para sustentar condignamente a família, e eram frequentes as ocasiões em que passava 16 horas trabalhando num dia só.

Inquieto e assustado em seu primeiro dia de jardim-de-infância, Jeff, então com 5 anos, pulou a cerca e fugiu para casa. Furiosa, a mãe arrastou-o novamente para a escola e obrigou-o a se desculpar com a professora. Todo mundo então o ouviu, e, desde o momento em que suas palavras mal pronunciadas, quase imperceptíveis mesmo, lhe foram arrancadas, ele se tornou alvo da chacota dos colegas. Para evitar aquele mundo hostil, passou a se refugiar em cantos isolados do recreio e, em casa, a se esconder no quarto, sonhando com um local onde pudesse ser aceito.

Até que um dia, aos 9 anos, foi com sua turma de 4.º grau ao Marineland de Los Angeles. O espetáculo dos golfinhos eletrizou-o, com toda a energia e docilidade exuberante daqueles mamíferos, que pareciam sorrir-lhe — algo que raramente lhe havia acontecido até aque-

le momento. Ali sentado, o pequeno deixou-se ficar em transe, dominado pela emoção e por um desejo enorme de ficar.

No final desse ano, os professores de Jeff classificaram-no como aluno emocionalmente perturbado e inapto para a aprendizagem, mas testes realizados no Centro Switzer, próximo dali, que tratava de crianças deficientes, demonstraram que ele tinha capacidades acima da média, embora se deixasse dominar pela ansiedade, a tal ponto que seu teste de matemática atingira por pouco uma classificação já considerada própria de um deficiente. Foi então transferido da escola pública para o Centro e, nos dois anos seguintes, tornou-se menos ansioso, enquanto seu desempenho como aluno melhorava de forma incomum.

No início do 7.º grau, voltou, a contragosto, para a escola pública. Revelou então possuir um QI na casa dos 130, característico de gente intelectualmente bem-dotada. Ao longo dos anos, sua fala melhorara graças à terapia que fazia, mas, para os colegas, ele continuava a ser uma vítima.

O 7.º grau se vinha desenrolando como o pior de sua vida, até o dia em que o pai o levou ao Sea World de San Diego. No instante em que ele reviu os golfinhos, foi acometido por sua conhecida sensação de felicidade. Ficou imóvel onde estava, enquanto os reluzentes animais deslizavam na água à sua frente.

Resolveu então trabalhar para conseguir dinheiro para um passe anual

de entrada no Marineland, que ficava mais próximo de sua casa. A primeira vez que foi lá desacompanhado sentou-se à beira do tanque dos golfinhos e estes, habituados a que os visitantes lhes dessem de comer, não tardaram a se aproximar do menino.

O primeiro que veio foi Grid Eye, a fêmea principal da piscina. Deslizando com seus 320 kg, ela se aproximou do lugar onde Jeff se encontrava e ali se deteve. «Será que ela me deixa pôr-lhe a mão?», perguntou-se Jeff, e meteu a mão na água. Enquanto lhe acariciava a pele macia, Grid Eye foi-se aproximando. Para Jeff, aquilo foi um momento de puro êxtase.

Afáveis, os animais depressa se tornaram os amigos que aquele menino nunca tivera, e ele começou a viver para aquelas visitas. Como a área dos golfinhos ficava isolada no lado mais distante do parque, Jeff ficava muitas vezes sozinho com seus novos amigos brincalhões.

Certo dia, Sharky, uma jovem fêmea, deslizou quase à superfície até colocar a cauda na mão de Jeff. Parou então. «Que será que ela quer?», perguntou-se ele. Então, Sharky mergulhou um pouquinho mais na água, puxando a mão e o braço do jovem. Rindo, Jeff fez força ao contrário, sem largá-la, e o animal mergulhou um pouco mais ainda. Jeff então puxou-a com mais força. Era como se estivessem brincando de cabo-de-guerra!

Quando Sharky veio à tona respirar, ficou olhando para Jeff por

um minuto, e ele para ela. Jeff ria e ela, abrindo a boca, parecia sorrir também. Até que se virou, colocando novamente o rabo nas mãos do menino, e o jogo recomeçou.

O menino e os golfinhos, cujo peso ia de 150 kg a 400 kg aproximadamente, brincavam muitas vezes de pega-pega em corridas circulares, até atingirem determinado ponto, cumprimentando-se depois com saudações à maneira dos jogadores de basquetebol. Para Jeff, esses jogos eram uma ligação mágica que ele, e só ele, partilhava com os animais.

Mesmo no verão, quando havia grupos de 500 pessoas em torno do tanque, os animais reconheciam seu amigo, nadando até ele mal sua mão batia na água. A aceitação que granjeara junto dos golfinhos aumentou bastante sua confiança, fazendo que o menino começasse gradualmente a sair da concha em que se fechara. Inscrevendo-se num curso num aquário próximo, começou a devorar livros sobre biologia marinha, tornando-se uma enciclopédia viva sobre golfinhos. E, para espanto de sua família, desafiou sua deficiência de fala, tornando-se guia voluntário.

Em 1983, escreveu um artigo para o jornal da American Cetacean Society, descrevendo suas experiências com os golfinhos do parque de Marineland, mas não estava preparado para o que resultaria disso: a direção do parque sentiu-se pouco à vontade com o grau de confiança que, sem que fosse notado, um simples visitante adquirira com os

animais e decidiu anular o passe de Jeff. Sem acreditar no que lhe acontecera, o jovem voltou para casa arrasado.

Seus pais, porém, sentiram-se aliviados: não viam recompensa nenhuma no fato de o filho, estranho e inadaptado, passar horas com golfinhos. Mas a recompensa acabou ocorrendo. Certo dia de julho de 1984, Bonnie Siegel recebeu um inesperado telefonema interurbano. Nessa noite, perguntou ao filho: «Você entrou em algum concurso?»

Acanhado, Jeff confessou ter redigido um texto para um concurso cujo prêmio seria uma muito desejada bolsa de estudos oferecida pela Earthwatch no valor de mais de 2000 dólares. O vencedor passaria uma semana no Havaí, junto de especialistas em golfinhos. Aguardou pela reprimenda da mãe, mas, em vez disso, esta lhe disse calmamente: «Pois foi você quem ganhou.»

Jeff sentiu uma alegria esfuziante! E, melhor de tudo, seus pais compreenderam pela primeira vez que ele poderia cumprir seu sonho de um dia partilhar seu amor pelos golfinhos.

Passaria um mês no Havaí, ensinando comandos aos animais para testar-lhes a memória. No outono, cumpriu outra exigência da bolsa, dando uma palestra sobre mamíferos marinhos para seus colegas do Colégio Secundário de Torrance. Seu relato foi de um entusiasmo tal que lhe valeu, finalmente, o respeito (consentido de má vontade) de todos eles.

Após terminar o secundário, ele

se empregou em diversos organismos de pesquisa marinha. Compensava as irrisórias quantias que recebia com um salário mínimo ganho num emprego suplementar. Conseguiu ainda um pré-bacharelato em Biologia.

Em fevereiro de 1992, Jeff apareceu no escritório de Suzanne Fortier, diretora do programa de treinamento de animais marinhos do parque Montanha Mágica das Seis Bandeiras. Embora tivesse já dois empregos, queria se oferecer como voluntário para trabalhar com os golfinhos daquele parque em seus dias de folga. Dando-lhe uma oportunidade, Suzanne logo se espantou: dos 200 voluntários que, ao longo de 10 anos, treinara, nunca vira uma pessoa com uma capacidade intuitiva assim para lidar com os golfinhos.

Numa ocasião, sua equipe precisava transferir um animal doente de quase 300 kg, o Thunder, para outro parque. Ele teria de ser transportado num tanque de 1m por 3 m. Durante a viagem, Jeff insistiu em passar para a caçamba do caminhão onde seguia Thunder, para tentar acalmá-lo. Mais tarde, quando Suzanne perguntou da cabine como iam lá as coisas, Jeff respondeu: «Ele agora está bem. Eu o estou embalando.»

«O Jeff está dentro do tanque com o Thunder!», percebeu ela. Durante quatro horas, o rapaz se manteve naquele tanque de água fria, embalando Thunder nos braços.

O rapaz continuaria a espantar os colegas com sua empatia com os animais. Seu preferido no parque era

Katie, uma fêmea de 8 anos e 170 kg, que o cumprimentava de forma exuberante e nadava a seu lado por horas e horas.

Uma vez mais, tal como no Marineland, Jeff conseguia comunicar-se com os golfinhos, recebendo em troca seu afeto. Mal sabia ele até que ponto seu amor por aqueles animais iria ser posto à prova!

**E**NQUANTO ele lutava para chegar ao parque da Montanha Mágica, na manhã do terremoto, as estradas se desfaziam à sua frente e as fendas que surgiam no pavimento obrigavam-no muitas vezes a retroceder. «Nada vai me deter!», jurou ele.

Quando finalmente chegou lá, na manhã do sismo, o tanque dos golfinhos, de 3,5 m de profundidade, já perdera quase metade de sua água, que continuava a fugir por uma fenda lateral. Os três golfinhos que se encontravam dentro dele quando o terremoto começou — Wally, Teri e Katie — estavam possessos. Descendo até uma plataforma situada a 1,5 m de profundidade, Jeff tentou acalmá-los.

Para desviar sua atenção dos tremores incessantes, tentou distraí-los com jogos, mas não foi possível. Pior ainda, viu-se forçado a reduzir-lhes a ração: o sistema de filtragem da piscina ficara obstruído, criando o risco adicional de que os animais pudessem vir a ficar contaminados por uma futura acumulação de seus próprios dejetos.

Jeff manteve-se ao lado dos animais até a temperatura daquela noi-

te atingir quase 0°C. No dia seguinte, ainda estava lá, e ali permaneceu por mais dois dias. Os outros membros da equipe foram aparecendo, preparando-se para transferir os golfinhos de local.

No quarto dia, uma estrada foi aberta à circulação. Conseguiu-se um caminhão para transferir Wally, Teri e Katie para o tanque de golfinhos da chamada Fazenda de Morangos do Knott. Mas, antes de tudo, alguém tinha de metê-los nos tanques onde seriam levados.

O transporte de um golfinho constitui normalmente uma tarefa rotineira, após o animal ter sido conduzido de forma segura através de um túnel e depositado numa espécie de bolsa de tela. Mas o nível da água no túnel de ligação era demasiado baixo para que os animais conseguissem nadar através dele. Eles teriam de ser apanhados na piscina e depois levados para as bolsas.

Juntamente com seu colega Etienne François, Jeff ofereceu-se para aquela tarefa, mas, por muito que confiasse nos golfinhos, sabia que as probabilidades de ser ferido ou mordido por eles durante a captura eram de quase 100%.

O transbordo de Wally se fez sem dificuldades, mas Teri e Katie ficaram histéricos. Cada vez que Jeff e Etienne agarravam esta última, o poderoso animal os fazia recuar com seu focinho duro e afiado.

Durante quase 40 minutos, os dois homens lutaram, enquanto Katie os açoitava, sacudindo a cauda. Por fim, quando a estavam colo-

cando na bolsa de tela, a fêmea enterrou os dentes aguçados na mão de Jeff. Ignorando a hemorragia, o jovem ajudou ainda na captura e transporte de Teri para seu respectivo tanque.

Quando os animais chegaram à fazenda, Katie encontrava-se exausta, mas mais calma. Fortier confessaria mais tarde aos amigos que a coragem e liderança de Jeff tinham sido fatores decisivos para a transferência segura das toninhas.

**H**OJE, Jeff trabalha em período integral como treinador de golfinhos na Marine Animal Productions, em Gulfport, no Mississippi, onde organiza programas para escolas.

Um dia, antes de partir para o Mississippi, Jeff fez uma demonstração para um grupo de 60 crianças do Centro Switzer num dos aquários onde lecionava. Vendo que um menino chamado Larry se afastara para brincar sozinho, compreendeu que o pequeno se sentia marginalizado, tal como ele o fora no passado. Chamando-o para onde se encontrava, disse-lhe que ficasse do seu lado. Mergulhou então os braços num tanque próximo e retirou um impressionante, embora inofensivo, tubarão de 1 m. Enquanto as outras crianças manifestavam seu medo, deixou que Larry transportasse

orgulhosamente a criatura em volta do recinto.

Após esse episódio, Jeff recebeu uma carta que dizia: «Obrigada pelo magnífico trabalho que fez com nossos alunos. Todos voltaram radiantes com a experiência. Foram vários os que me contaram acerca de o Larry ter pegado no tubarão. Foi provavelmente o momento mais feliz e de maior orgulho da vida dele! O fato de você já ter sido nosso aluno também contribuiu. Considero-o um modelo da esperança de que também eles possam triunfar na vida.» Assinava Janet Switzer, fundadora do centro.

Para Jeff, essa tarde trouxe um momento ainda mais gratificante: enquanto falava para seu auditório, viu a mãe e o pai entre os presentes, observando-o com atenção. Olhando para seus olhos, podia ver que sentiam-se orgulhosos dele.

Jeff nunca recebeu mais de 1250 dólares por mês na vida, mas considera-se um homem rico e excepcionalmente aventureiro. «Sinto-me realizado de fato», afirma ele. «Os golfinhos fizeram tanto por mim quando eu era criança. Deram-me seu amor incondicional. Quando penso em tudo o que lhes devo...» Sua voz se embarga por um instante e ele sorri. «Deram-me vida e eu lhes devo tudo.»

FOTO: © DE PAULA MCDONALD



O MUNDO seria muito mais agradável se as pessoas olhassem menos umas para as outras e mais umas pelas outras.

— R. Smedinga